

Aula 1 – 2º semestre (03/10/2014)

O **modernismo** foi um movimento literário e artístico do início do séc. XX, cujo objetivo era o rompimento com o tradicionalismo (parnasianismo, simbolismo e a arte acadêmica), a libertação estética, a experimentação constante e, principalmente, a independência cultural do país.

No Brasil, este movimento possui como marco simbólico a **Semana de Arte Moderna**, realizada em 1922, na cidade de São Paulo, devido ao Centenário da Independência. No entanto, devemos lembrar que o modernismo já se mostrava presente muito antes do movimento de 1922.

Os artistas modernistas tentaram impor uma identidade artística nacional. Essa imposição de moldes é muito característica de nossa sociedade. Em algumas histórias da ficção essa imposição extrapola os limites como em *Admirável Mundo Novo* De Aldous Huxley, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, *1984*, de George Orwell e nos mais atuais *Delírio*, de Lauren Oliver, *Divergente*, de Veronica Roth e *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins.

Alfredo L. C. de Carvalho (2011, p. 8) destaca a definição que o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa traz sobre o termo distopia: “qualquer representação ou descrição de uma organização social futura caracterizada por condições de vida insuportáveis, com o objetivo de criticar tendências da sociedade atual ou parodiar utopias, alertando para os seus perigos [...]”. O verbete ainda cita Huxley e Orwell como os romancistas que conceberam famosas distopias. O primeiro constrói Admirável mundo novo através de um totalitarismo “que se baseia em métodos extremamente eficazes de persuasão que, pelo seu caráter científico, excluem a necessidade de violência física.” Já o totalitarismo de Orwell em 1984 “é a quintessência dos regimes violentos em geral associados com as figuras de Hitler e Stalin” (CARVALHO, 2011, p. 22)

O conceito de distopia, assim, “engloba uma série de implicações, como histeria coletiva em torno de figuras tutelares, visões distorcidas da história, o dirigismo equivocado de valores, os exageros científicos em sua autossuficiência, os males da superpopulação, entre outros efeitos” (DIAS, apud CARVALHO, 2011, p. 10).

Proposta de Leitura:

1984, de George Orwell. 1984 foi traduzido em 65 países, virou minissérie, filmes, inspirou quadrinhos, mangás e até uma ópera. Ganhou renovados holofotes em 1999, quando a produtora holandesa Endemol batizou seu reality show de Big Brother, o mais sinistro personagem, ou melhor, entidade do livro. A origem do título 1984 é controversa. Orwell supostamente queria "O Último Homem da Europa", mas seu editor insistiu que trocasse por algo mais comercial. O texto foi concluído em 1948 e o nome traz os dois dígitos finais invertidos. A trama acompanha Winston Smith, um homem de existência miserável que, ao descobrir terríveis planos do governo, resolve rebelar-se contra o sistema.

Até 17/10 Ler pelo menos até o capítulo 3

Aula 2 – 2º semestre (17/09/2014)

CECÍLIA MEIRELES

Cecília Meireles (1901-1964) foi poetisa, professora, jornalista e pintora brasileira. Foi a primeira voz feminina, de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas.

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.

(Cecília Meireles)

É preciso não esquecer nada

É preciso não esquecer nada:
nem a torneira aberta nem o fogo aceso,
nem o sorriso para os infelizes
nem a oração de cada instante.

É preciso não esquecer de ver a nova borboleta
nem o céu de sempre.
O que é preciso é esquecer o nosso rosto,
o nosso nome, o som da nossa voz, o ritmo do nosso pulso.

O que é preciso esquecer é o dia carregado de atos,
a ideia de recompensa e de glória.

O que é preciso é ser como se já não fôssemos,
vigiados pelos próprios olhos
severos conosco, pois o resto não nos pertence.

(Cecília Meireles)

4º motivo da rosa

Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim.

Rosas verá, só de cinzas franzida,
mortas, intactas pelo teu jardim.

Eu deixo aroma até nos meus espinhos
ao longe, o vento vai falando de mim.

E por perder-me é que vão me lembrando,
por desfolhar-me é que não tenho fim.

(Cecília Meireles)

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
- depois, abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre de meus dedos
colore as areias desertas.
O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso

para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas.

(Cecília Meireles)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Itabira, 31 de outubro de 1902 — Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987. Foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX.

Congresso Internacional do Medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio, porque este não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte.
Depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

(Drummond)

Poema das Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

(Drummond)

Aula 3 – 2º semestre (24/10/2014)

2º Geração Modernista

Reflete um conturbado momento histórico em que os movimentos artísticos incorporam um universo temático e este se amplia, tomando preocupações relativas ao destino dos homens e ao "estar-no-mundo", ou seja, um olhar para o social.

- Amadurecimento e aprofundamento das conquistas da primeira geração;
- Emprego do vocabulário cotidiano;
- Valorização da cultura nacional;
- Verso livre e a poesia sintética;
- Recuperação de formatos estéticos como o soneto;
- Passa-se a questionar a realidade com mais vigor;
- Literatura mais politizada.

GRACILIANO RAMOS - Graciliano Ramos (1892 – 1953), escritor Alagoense, nascido em Quebrangulo. Foi romancista, contista, cronista, jornalista e também, político. Foi um autor bastante premiado e, entre o seu grande numero de publicações, suas obras mais conhecidas são: *São Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1938).

JOSÉ LINS DO REGO - José Lins do Rêgo (1901-1957) escreveu romances regionalistas. Sua primeira obra publicada foi *O Menino do Engenho*, em 1932, rendendo ao autor a atenção de muitos críticos literários. Foi jornalista, cronista e romancista. A obra de José Lins do Rêgo é bastante reconhecida por representar o declínio do Nordeste Canavieiro.

RACHEL DE QUEIROZ - Nasceu em Fortaleza, CE, no dia 17 de novembro de 1910. Foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, eleita para a cadeira nº 5, em 1977. Foi também jornalista, romancista, cronista, tradutora e teatróloga.

Livro, televisão, internet - Rachel de Queiroz

É dizer como o outro: já que o homem não vai ao livro, que vá o livro ao homem. Multipliquem-se as feiras de livros pelas praças da cidade, e não só desta, como de todas as cidades do interior. Ah, o interior! As livrarias são poucas, a distribuição das editoras não é boa. Nunca se pisa em cidade do interior sem escutar dos interessados a queixa de que livro de fulano, que está muito falado, não apareceu à venda na terra. Talvez fosse um êxito inesperado a inauguração de feiras de livros por este Brasil afora: o pessoal ver os livros assim de cara como a farinha e os legumes. Poder mexer, palpar, olhar as figuras, se interessar. Seria talvez uma revolução.

É claro que, com a vida difícil de hoje em dia, o pessoal anda primeiramente preocupado em juntar algum no bolso para adquirir o pão, a roupa e o teto: e assim se esquece que a alma também precisa de alimento, esquece aquela velha história de que nem só de pão vive o homem, e vai deixando o livro de lado.

Mas assim mesmo, com todas as dificuldades da vida, o fato é que, para terra tão grande, vende-se muito pouco livro no Brasil. Será que o povo não tem mais tempo para ler? Nas casas mais humildes de cidades do interior aparece com notável frequência a antena de TV. E se tem antena, tem TV lá dentro.

O homem tem posto em uso invenções estupendas para o seu divertimento, mas a verdade é que não há milagre eletrônico capaz de superar o poder de entretenimento de um bom livro. A TV é ótima, mas você tem de depender dos caprichos da programação, escuta e vê o que não pediu, tem de se submeter a horários criados pelos outros de acordo com as conveniências deles, não da sua, e sabe que está sendo incluído numa categoria subjetiva a que eles chamam de público-alvo, tudo catalogado como roupa em gaveta: roupa chique (classe A e B), gavetas de cima; roupas de uso doméstico e de trabalho, gavetas do meio; e lá embaixo, a roupa descombinada e sem grife dos programas de auditório. E ainda não falei na praga maior, que é o anúncio. O eterno, inevitável, apavorante anúncio, mal necessário, sim, que chateia durante meia hora para nos deixar ver um programa de cinco minutos. Cinema é muito bom, mas é caro, longe de casa, exige que se saia, mude de roupa, e também, só se veem as fitas que estão em cartaz, e não aquelas que a gente desejaria.

O livro, não. Apesar de ter subido de preço, ainda custa barato, mais barato do que um ramo de rosas para a namorada ou um jantar no restaurante. Uma noitada em boate, com show e bebida, dá para comprar algumas dezenas de volumes – quer dizer, divertimento para meses e até ano, se o leitor é vagaroso. O livro não exige capital nem maquinismo, não tem anúncio – e não tem patrocinador! A sua variedade tem como limite o infinito; discute com você todos os assuntos que a mente humana já tratou, apresenta-o às personalidades mais ilustres e lhe conta os seus segredos. Você quer saber as últimas teorias científicas sobre o espaço cósmico, os ritos funerários dos egípcios, a série cronológica dos amantes de Catarina, a Grande? Há sempre um livro que lhe dará a informação. E se o que você deseja é sentir a presença inefável dos grandes poetas, a imaginação dos maiores ficcionistas – ah, eles estão todos aí, se oferecendo à sua mão, na hora em que você os convocar. Poemas, romances, contos, narrativas, memórias – o que a mente do homem criou, desde que sabe escrever – e isso já faz séculos, milênios – está tudo nos livros, guardado nos livros, como um tesouro para seu uso.

E a feira de livros, além de colocar o livro ao alcance fácil do comprador, a preços de desconto, ainda tem a parte social e simpática: as festas de autores, em que não só o livro, mas os que os escrevem, os autores, são convocados a se apresentar ao povo, num contato democrático e cordial. Aí você, leitor, terá oportunidade de conhecer em carne e osso seu romancista predileto, o seu poeta de estimação ou o seu erudito de confiança. Eu sei, eu sei: todos vocês, jovens, vão dizer – "Mas hoje, toda informação que quisermos, vamos encontrar na internet." Mas é isso: internet é informação, é trabalho, não traz prazer ou divertimento. Pois então vá experimentar ler, na íntegra, Os Irmãos Karamazov, de Dostoievski, ou Guerra e Paz, de Tolstoi, pela internet. E depois me diga.

O Estado de São Paulo (São Paulo – SP) em 19/10/2002

JORGE AMADO - Itabuna, 10 de agosto de 1912 — Salvador, 6 de agosto de 2001. Aos 14 anos, na Bahia, começou a trabalhar em jornais e a participar da vida literária, sendo um dos fundadores da "Academia dos Rebeldes", grupo de jovens que, juntamente com os do "Arco & Flecha" e do "Samba", desempenhou importante papel na renovação das letras baianas. Foi casado com Zélia Gattai. Sua obra está publicada em mais de cinquenta países e foi adaptada para o rádio, cinema, televisão e teatro, transformando seus personagens em parte indissociável da vida brasileira.

ERICO VERISSIMO - Erico Lopes Verissimo nasceu em Cruz Alta no dia 17 de dezembro de 1905 e não demorou muito depois de aprender a ler para tornar-se um devorador de literatura. Em 1947 começou a escrever sua obra mais famosa, "O Tempo e o Vento". Previsto para ter um só volume, com aproximadamente 800 páginas, e ser escrito em três anos, acabou ultrapassando as 2.200 páginas, sob a forma de trilogia, consumindo quinze anos de trabalho.

Em 1971, Erico lança o que viria a ser seu último romance, intitulado "Incidente em Antares". O livro é uma sátira política contundente e hilariante que, mesmo lançada em plena ditadura militar, não teve receio de abordar temas como tortura, corrupção e mandonismo.

A seguir, trecho da obra "Incidente em Antares", de Erico Verissimo:

A julgar pelas aparências, pelo seu progresso material visível a olho nu – novas indústrias e casas de comércio, mais ruas asfaltadas, serviços públicos melhores – Antares é hoje em dia uma comunidade próspera e feliz.

Como, porém, nada é perfeito neste mundo, às vezes na calada da noite vultos furtivos andam escrevendo nos seus muros e paredes palavras e frases politicamente subversivas, quando não apenas pornográficas.

Os dedicados guardas municipais, sempre alerta, dão-lhes caça dia e noite.

Numa destas últimas madrugadas abriram fogo contra um estudante que, com broxa e piche, tinha começado a pintar um palavrão num muro da Rua Voluntários da Pátria.

Na calçada, no lugar em que o rapaz caiu, ficou uma larga mancha de sangue enegrecido, na qual a imaginação popular – talvez sugestionada por elementos da esquerda – julgou ver a configuração do Brasil. (É assim que nascem os mitos.) Cedo, na manhã seguinte, empregados da prefeitura vieram limpar a calçada dessa feia mácula, e quando começaram a raspar do muro o palavrão, aos poucos se foi formando diante deles um grupo de curiosos.

Aconteceu passar por ali nessa hora um modesto funcionário público que levava para a escola, pela mão, o seu filho de sete anos. O menino parou, olhou para o muro e perguntou :

– Que é que está escrito ali, pai?

– Nada. Vamos andando, que já estamos atrasados...

O pequeno, entretanto, para mostrar aos circunstantes que já sabia ler, olhou para a palavra de piche e começou a soletrá-la em voz muito alta: "Li-ber. ..".

– Cala a boca, bobalhão! – exclamou o pai, quase em pânico. E, puxando com força a mão do filho, levou-o, quase de arrasto, rua abaixo.

Aula 4 – 2º semestre (31/10/2014)

VINICIUS DE MORAES - Vinicius de Moraes nasceu em 1913, no Rio de Janeiro, e faleceu em 1980, no mesmo estado. Foi diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. O poeta é conhecido do grande público sobretudo pelas letras de músicas que compôs e que se tornaram verdadeiros clássicos da MPB. Mas, antes de desenvolver essa veia popular, Vinicius já se consagrara como poeta de mais alta qualidade literária. Mais lírico em seus primeiros livros, Vinicius não desprezou experiências poéticas ligadas a vanguardas do século XX, e, como outros artistas brasileiros, voltou-se com certa frequência a temas sociais, fazendo denúncia mas mantendo-se sempre fiel à sua criatividade poética.

Soneto de Fidelidade	A Rosa de Hiroxima
<p>De tudo ao meu amor serei atento Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento.</p> <p>Quero vivê-lo em cada vão momento E em seu louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento</p> <p>E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de quem ama</p> <p>Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure.</p>	<p>Pensem nas crianças Mudas telepáticas Pensem nas meninas Cegas inexatas Pensem nas mulheres Rotas alteradas Pensem nas feridas Como rosas cálidas Mas oh não se esqueçam Da rosa da rosa Da rosa de Hiroxima A rosa hereditária A rosa radioativa Estúpida e inválida. A rosa com cirrose A antirrosa atômica Sem cor sem perfume Sem rosa sem nada.</p>

MARIO QUINTANA - Diziam os amigos mais íntimos, que Mário Quintana era o poeta das coisas simples e fazia pouco caso em relação à crítica. Conforme costumava comentar, sua poesia era feita simplesmente por sentir necessidade de escrever. Nasceu em Alegrete numa fria noite de Julho de 1906. Não foi menino de brincar na rua. Tímido, mimado, doente, cresceu “por trás de uma vidraça – um menino de aquário”. Aprendeu a ler com a ajuda dos pais. Seu primeiro livro, lançado aos 34 anos, vendeu muito pouco. Sempre arredio, Quintana

garantia que era preferível ser alvo de um atentado do que de uma homenagem: era mais rápido e sem discurso. Morreu em 5 de maio de 1994.

2º Semestre – 14/11/14

João Cabral De Melo Neto

Poeta e diplomata nasceu em Recife, em 1920. Sua obra poética, central na produção brasileira, bebe na tradição popular e se caracteriza pelo rigor estético, com métrica e ritmo acentuados e sem abertura a sentimentalismos. Faleceu em 1999.

Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa (1908-1967) foi médico, diplomata e um importante escritor brasileiro. Seus contos e romances possuem um vocabulário próprio, envolvendo erudições, características das falas regionais.

Dyonélio Machado

Nasceu em 21 de agosto de 1895, em Quaraí (RS) e faleceu em Porto Alegre, no dia 19 de junho de 1985. Sua estréia literária ocorreu em 1927, com os contos de *Um pobre homem*. Oito anos depois, a publicação da novela *Os ratos* granjeou-lhe, juntamente com Marques Rebelo, João Alphonsus e Erico Verissimo, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras.

Literatura contemporânea

Rubem Braga

Considerado por muitos o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis, nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, ES, em 12 de janeiro de 1913. Iniciou seus estudos naquela cidade, porém, quando fazia o ginásio, revoltou-se com um professor de matemática que o chamou de burro e pediu ao pai para sair da escola. Anos depois formou-se em direito e começou a trabalhar em jornais. Foi correspondente de guerra e quando de volta ao Brasil foi preso algumas vezes por resistir à repressão do Estado Novo.

Os Amantes – crônica de Rubem Braga

Nos dois primeiros dias, sempre que o telefone tocava, um de nós esboçava um movimento, um gesto de quem vai atender. Mas o movimento era cortado no ar. Ficávamos imóveis, ouvindo a campainha bater, silenciar, bater outra vez. Havia um certo susto, como se aquele trinado repetido fosse uma acusação, um gesto agudo nos apontando.

Era preciso que ficássemos imóveis, talvez respirando com mais cuidado, até que o aparelho silenciasse. Então tínhamos um suspiro de alívio. Havíamos vencido mais uma vez os nossos inimigos. Nossos inimigos eram toda a população da cidade imensa, que transitava lá fora nos veículos dos quais nos chegava apenas um ruído distante de motores, a sinfonia abafada das buzinas, às vezes o ruído do elevador.

Sabíamos quando alguém parava o elevador em nosso andar; tínhamos o ouvido apurado, pressentíamos os passos na escada antes que eles se aproximassem. A sala da frente estava sempre de luz apagada. Sentíamos, lá fora, o emissário do inimigo. Esperávamos quietos. Um segundo, dois – e a campainha da porta batia, alto, rascante. Ali, a

dois metros, atrás da porta escura, estava respirando e esperando um inimigo. Se abrissemos, ele – fosse quem fosse – nos lançaria um olhar, diria alguma coisa – e então o nosso mundo seria invadido.

No segundo dia ainda hesitamos; mas resolvemos deixar que o pão e o leite ficassem lá fora; o jornal era remetido por baixo da porta, mas nenhum de nós o recolhia. Nossas provisões eram pequenas; no terceiro dia já tomávamos café sem açúcar, no quarto a despensa estava praticamente vazia. No apartamento mal iluminado íamos emagrecendo de felicidade. Devíamos estar ficando pálidos, e às vezes, unidos, olhos nos olhos, nos perguntávamos se tudo não era um sonho.

O relógio parara, havia apenas aquela tênue claridade que vinha das janelas sempre fechadas. Mais tarde essa luz do dia distante, do dia dos outros, ia se perdendo, e então era apenas uma pequena lâmpada no chão que projetava nossas sombras nas paredes do quarto e vagamente escoava pelo corredor, lançava ainda uma penumbra confusa na sala, onde não íamos mais. Pouco falávamos: se o inimigo estivesse escutando às nossas portas, mal ouviria vagos murmúrios; e a nossa felicidade imensa era pontuada de alegrias menores e inocentes, a água forte e grossa do chuveiro, a fartura festiva de toalhas limpas, de lençóis de linho.

O mundo ia pouco a pouco desistindo de nós; o telefone batia menos e a campainha da porta quase nunca. Ah, nós tínhamos vindo de muito e muito amargor, muita hesitação, longa tortura e remorso; agora a vida era nós dois apenas. Sabíamos estar condenados; os inimigos, os outros, o resto da população do mundo nos esperava para lançar olhares, dizer coisas, ferir com maldade ou tristeza o nosso mundo, nosso pequeno mundo que ainda podíamos defender um dia ou dois, nosso mundo trêmulo de felicidade, sonâmbulo, irreal, fechado, e tão louco e tão bobo e tão bom como nunca mais haverá.

No sexto dia sentimos que tudo conspirava contra nós. Que importa a uma grande cidade que haja um apartamento fechado em alguns de seus milhares edifícios – que importa que lá dentro não haja ninguém, ou que um homem e uma mulher ali estejam, pálidos, se movendo na penumbra como dentro de um sonho? Entretanto, a cidade, que durante uns dois ou três dias parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a atacar.

O telefone tocava, batia dez, quinze vezes, calava-se alguns minutos, voltava a chamar: e assim três, quatro vezes sucessivas. Alguém vinha e apertava a campainha; esperava; apertava outra vez; experimentava a maçaneta da porta; batia com os nós dos dedos, cada vez mais forte, como se tivesse certeza de que havia alguém lá dentro.

Ficávamos quietos, abraçados, até que o desconhecido se afastasse, voltasse para a rua, para a sua vida, nos deixasse em nossa felicidade que fluía num encantamento constante. Eu sentia dentro de mim, doce, essa espécie de saturação boa, como um veneno que tonteia, como se os meus cabelos já tivesse o cheiro de seus cabelos, como se o cheiro de sua pele tivesse entrado na minha.

Nosso corpos tinham chegado a um entendimento que era além do amor, eles tendiam a se parecer no mesmo repetido jogo lânguido, e uma vez que, sentado de frente para a janela, por onde filtrava um eco pálido de luz, eu a contemplava tão pura e nua, ela disse: “Meu Deus, seus olhos estão esverdeando”. Nossas palavras baixas eram

murmuradas pela mesma voz, nossos gestos eram parecidos e integrados, como se o amor fosse um longo ensaio para que um movimento chamasse outro; inconscientemente compúnhamos esse jogo de um ritmo imperceptível como um lento bailado.

Mas naquela manhã ela se sentiu tonta, e senti também minha fraqueza; resolvi sair, era preciso dar uma escapada para obter víveres; vesti-me, lentamente, calcei os sapatos como quem faz algo de estranho; que horas seriam? Quando cheguei à rua e olhei, com um vago temor, um sol extraordinariamente claro me bateu nos olhos, na cara, desceu pela minha roupa, senti vagamente que aquecia meus sapatos.

Fiquei um instante parado, encostado à parede, olhando aquele movimento sem sentido, aquelas pessoas e veículos irreais que se cruzavam; tive uma tonteira, e uma sensação dolorosa no estômago. Havia um grande caminhão vendendo uvas, pequenas uvas escuras; comprei cinco quilos, o homem fez um grande embrulho; voltei, carregando aquele embrulho de encontro ao peito, como se fosse a minha salvação.

E levei dois, três minutos, na sala de janelas absurdamente abertas, diante de um desconhecido, para compreender que o milagre se acabara; alguém viera e batera à porta e ela abria pensando que fosse eu, e então já havia também o carteiro querendo recibo de uma carta registrada e, quando o telefone bateu, foi preciso atender, e nosso mundo foi invadido, atravessado, desfeito, perdido para sempre – senti que ela me disse isto num instante, num olhar entretanto lento (achei seus olhos muito claros, há muito tempo que não os via assim, em plena luz) um olhar de apelo e de tristeza, onde, entretanto, ainda havia uma inútil, resignada esperança.

Luis Fernando Verissimo

O gaúcho Luis Fernando Veríssimo, um dos maiores escritores brasileiros, notabilizou-se pelas crônicas de humor, muitas delas eternizadas a partir de sua obra "Comédias da Vida Privada" que virou série pela Rede Globo em 1994. Filho de Érico Verissimo, ele nasceu em Porto Alegre.

Ferreira Gullar

José Ribamar Ferreira nasceu em 1930, no Maranhão. O percurso poético do autor apresenta grandes rupturas, o que reflete no caráter radical de sua obra.

Adélia Prado

Adélia Luzia Prado Freitas nasceu em Divinópolis, 13 de dezembro de 1935. Seus textos retratam o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela fé cristã e permeados pelo aspecto lúdico, uma das características de seu estilo único.

